



EVANGELHOS APÓCRIFOS MARIANOS

(Parte 2)

A história de Maria é contada em nada menos que dezesseis evangelhos apócrifos. Dando continuidade ao artigo anterior, apresentamos os outros evangelhos apócrifos que mencionam Maria.

EVANGELHO SECRETO DA VIRGEM MARIA

A história deste apócrifo está ligada à espanhola *Etéria*, que ficou famosa no final do século IV e início do V, ao desafiar sua época, fazendo uma peregrinação à Terra Santa. Ela escreveu, em latim, o *Itinerarium Egeriae*, contendo suas impressões de viagem. Este livro foi muito difundido na época, mas ela acabou perdendo os originais, quando o mosteiro onde vivia foi destruído. Alguns manuscritos da obra de *Etéria*, que haviam sido distribuídos em outras partes da Europa, foram conservados. Em 1884, um deles foi encontrado na Itália. Outro, mais recentemente no Principado das Astúrias (Espanha). O que chama a atenção é que *Etéria* teria colocado como apêndice a sua obra original o Evangelho apócrifo da Virgem Maria, que recebeu de presente, em Belém, de um monge grego, companheiro de São Jerônimo (347-420). Tal apócrifo teria sido citado por alguns padres primitivos da Igreja, sem mesmo terem a certeza de sua existência. O texto já estava traduzido para o latim. *Etéria* também duvidou da veracidade do livro, mas resolveu divulgá-lo por acreditar que se trataria de uma obra de piedade e grande proveito espiritual. Posteriormente, esse texto apócrifo foi extraído da obra de *Etéria* por monges. Trata-se um livro que apresenta a história de Maria como mãe. Ela narra para João Evangelista (10-103) sua história de mãe, sua relação com o filho, Jesus, e sua experiência de Deus. Suas palavras são carregadas de poesia e de ternura de mãe para com seu filho, homem e Deus, expressão máxima do amor divino e de Maria, Sua mãe, que d'Ele se tornou apóstola. O conteúdo literário do Evangelho apócrifo

da Virgem Maria indica-nos que se trata, possivelmente, de uma obra da Idade Média ou ainda, posterior, quando a devoção mariana estava em pleno vigor. A ligação desse livro com o escrito da peregrina *Etéria*, se é que, de fato ocorreu, é meramente patronímico.

EVANGELHO DE GAMALIEL

Desse evangelho temos um manuscrito do século V. O original seria anterior a isso. Sua autoria é atribuída a Gamaliel (?-50), doutor da Lei, mestre de Paulo (5-67) e convertido ao cristianismo. O tema tratado é a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus, com destaque para Maria, que tem papel fundamental nos últimos acontecimentos da vida e morte d'Ele. João roga a Maria, chamada de Virgem, em favor de Pedro (1 a.C.-67 d.C.), que havia negado Jesus. Quando Jesus morre, o povo chora. Pôncio Pilatos (?-37) e o capitão romano se entristecem. Maria chora por não poder ir ao túmulo. Os sacerdotes romanos ficam tristes com a ressurreição de Jesus. Maria encontra-se com Jesus ressuscitado, que a conforta e a envia para dar a notícia aos apóstolos. Ele aparece a Pilatos e o conforta. Ele interroga os soldados. Diante do túmulo vazio e as faixas, Pilatos converte-se ao cristianismo e manda saquear as sinagogas.

EVANGELHO ÁRABE DA INFÂNCIA

Datado no início do século VI, esse evangelho é a leitura do mundo árabe sobre Maria. Além das peripécias e dos milagres do Menino Jesus no Egito, a narrativa apresenta outros elementos da vida mariana, sobretudo seu papel de mediadora. Jesus afirma ser o Filho de Deus e o Verbo concebido conforme o anúncio do anjo Gabriel. Maria é chamada de virgem.

EVANGELHO ARMÊNIO DA INFÂNCIA

Esse apócrifo do século VI traz pormenores da concepção de Maria.

No conteúdo, menciona-se que ela concebeu do Espírito Santo pela orelha. Maria é considerada a nova Eva, a nova mãe da humanidade. É Eva mesma quem dá a notícia a Salomé: "Te dou uma boa e feliz notícia: uma terna donzela acaba de trazer um filho ao mundo sem ter conhecido varão algum" (9,3). Também são relatados o nascimento de Jesus, a visita dos magos e a reação de Herodes. Jesus menino faz travessuras. O evangelho termina com um diálogo entre Jesus e dois soldados sobre a Sua origem e de Deus.

MULHERES NO TÚMULO E APARIÇÃO A MARIA

Trata-se de dois fragmentos de textos escritos em língua copta, com o caráter eminentemente litúrgico, narrando a ida das mulheres ao túmulo e a aparição de Jesus ressuscitado a Maria. Sua autoria é difícil de ser indicada. A datação é provavelmente do século V ao VII.

Livro de São João, arcebispo de Tessalônica, datado do ano 610: ele está organizado em forma de homilia e tem como objetivo levar aos moradores de Tessalônica, diocese do arcebispo São João, a celebrar a festa da Assunção de Maria, sem os exageros propostos em outros livros. Esse livro exerceu muita influência na devoção mariana nos séculos subsequentes, sobretudo na Idade Média.

TRÂNSITO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA, DO PSEUDO JOSÉ DE ARIMATEIA

Esse livro, atribuído erroneamente a José de Arimateia, relata a morte e a assunção de Maria. Os códices usados para o texto são dos séculos XIII e XIV. Trata-se de um livro apócrifo bem recente. Na narrativa, Maria chama a atenção de João por tê-la abandonado, apesar de Jesus ter lhe pedido para cuidar dela. O texto conta também a Assunção de Maria. Destaca-se a figura de Tomé ►



Santa Ana ensinando Maria a ler, c. 1335, autor desconhecido

(?-72), que não presenciou a morte de Maria, chegando somente no momento da assunção, vista por ele no Monte das Oliveiras. No sepulcro, ele, depois, desafia os companheiros apóstolos, dizendo que Maria não estava no sepulcro. Mais uma vez, sua incredulidade é testada. Esse apócrifo contribuiu sobremaneira para o incremento, na Idade Média, na devoção a Maria, mãe e intercessora junto a Jesus para a humanidade.

CONCLUSÃO

O retrato de Maria que emerge dos evangelhos apócrifos é o de uma mulher preciosa, mãe e apóstola de seu Filho. Mulher liderança. Mulher mãe de um filho especial. Mulher ternura. Mulher escolhida por Deus para ser a mãe de seu Filho. Mulher reconduzida pelo Filho à morada de Deus. Mulher pura, sem pecado, santa e consagrada a Deus. Diante da postura negativa em relação à mulher, o cristianismo apócrifo e o

hegemônico fomentaram a devoção mariana, apresentando-a como mulher pura, virgem e santa. Os apócrifos são mais contundentes que os canônicos, ao defenderem sua virgindade antes, durante e depois do parto. Maria foi o modelo de mulher, que manteve a virgindade durante toda a sua vida. O próprio marido, José, encarregou-se de conservar essa castidade.

Várias tradições populares e catequéticas sobre Maria aparecem nos apócrifos, tais como: coroação de Maria; a palma de Nossa Senhora; a Assunção de Maria; a virgindade de Maria; a consagração a Maria; sua vida em Nazaré; os nomes de seus pais, Joaquim e Ana; a vara do idoso José que floriu ao ser escolhido para ser seu marido; a dormição e não morte de Virgem Maria; a viagem de Maria, José e o Menino Jesus para o Egito; a presença de Maria aos pés de Jesus quando Ele morre. Daí a devoção a Nossa Senhora da Boa Morte, cantada nas irmandades que levam esse mesmo

nome. A tradição apócrifa mariana conservou o lado mãe de Maria, sua virgindade perpétua e seu apostolado, mas também e, infelizmente, a resignação. Assim como Maria sofreu, as mulheres devem suportar seu sofrimento.

Maria é a Virgem, Nossa Senhora e Senhora mãe de Deus e de nossa salvação, que é o Senhor Jesus Cristo. Sendo assunta aos céus, ela foi a primeira mortal que ressuscitou e, com isso, todo cristão tem a certeza de que também ressuscitará. Vários dogmas da Igreja Católica buscaram inspiração na tradição apócrifa. Podemos enumerar vários deles, como: Virgindade de Maria, Imaculada Conceição, Assunção de Maria. É também de origem apócrifa* a profissão de fé de que, depois de crucificado, morto e sepultado, Cristo desceu à mansão dos mortos. Um dogma de fé para ser declarado, primeiro é transmitido oralmente por muito tempo, isto é, suficientemente manifestado. A Igreja Católica simplesmente confirma a tradição de tal devoção como “verdade de fé revelada por Deus” e que pode ser seguida como doutrina. O interessante nessa questão é que a Igreja rejeitou os apócrifos, mas fez uso de muitos de seus ensinamentos nos dogmas e na tradição de fé. Com belíssimas narrativas literárias sobre Maria, os primeiros séculos do cristianismo imprimiram uma devoção a ela, que perdura em nossos dias na Igreja oficial e na religiosidade popular. A devoção popular criou uma piedade mariana, que foi além da orientação do cristianismo hegemônico.

NOTA
 * Cf. nosso comentário ao apócrifo que trata desse tema em: *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos: uma leitura de gênero*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 76-102.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM
 Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliaeapocrifos.com.br



Arquivo pessoal